

Mato Grosso perde 60 toneladas de ouro por ano

OLYMPIO BARBANTI JR.

Enviado especial à Amazônia

O Mato Grosso perde atualmente cerca de 60 toneladas de ouro produzidas em seus garimpos e que na sua maior parte desaparecem dos limites territoriais e fiscais do Estado. Se comercializado na Bolsa Mercantil e de Futuros de São Paulo, este ouro valeria aproximadamente NCz\$ 4,8 trilhões, considerando-se o valor do grama em NCz\$ 80,00, em média. Este é um quadro "difícil", segundo Sérgio Guimarães, 35, secretário estadual de Meio Ambiente e diretor da Fundação Estadual de Meio Ambiente mato-grossense.

"Todo mundo virou garimpeiro", diz o secretário, que estima em 350 mil (ou cerca de 10% da população do Estado) o número atual de pessoas que joga a sorte em um buraco na busca de ouro ou diamantes. "O garimpo está destruindo a atividade comercial do Estado", afirma Guimarães. Não é raro que funcionários públicos abandonem seus empregos em troca da sorte grande.

Um exemplo da destruição causada pelo garimpo está na cidade de Aripuanã (distante duas horas de avião de Cuiabá). Nas proximidades dali, segundo João Dal Poz, diretor da Operação Anchieta, grupo de defesa indígena, o número de garimpeiros de diamantes duplicou em um ano, atingindo 30 mil homens. Dal Poz explica que essas pessoas escavam as margens do rio Juína, impedindo que Aripuanã, localizada abaixo da direção de sua correnteza, use a água para o abastecimento doméstico como sempre fez.

Uma possível solução para os problemas do Estado, afirma Sérgio Guimarães, estaria no zoneamento agroecológico do Mato Grosso. Segundo o secretário,

esse zoneamento está sendo feito mas é uma "colcha de retalhos" que nem ele mesmo conhece.

A continuidade da exploração de ouro em Poconé mostra a incapacidade dos governos de enfrentar o garimpo na região amazônica. O garimpo de Poconé possui uma área de dez hectares e causou danos ao Pantanal mato-grossense que vão demorar mais de cem anos para serem recuperados. É o caso do derrame de mercúrio nos rios. A exploração de ouro que transformou a região em uma paisagem lunar de tal forma revirou a terra, está proibida pelo governo estadual desde 1987, mas continua sendo feita e está até crescendo.

A reponsabilidade por isso é também do governo federal. A nova Constituição declara o Pantanal como um dos patrimônios nacionais, ao lado da floresta amazônica, por exemplo. O rio Bento Gomes, que antes fornecia água potável para uma região de mais de 23 mil pessoas, está comprometido pelo assoreamento de suas margens pelo mercúrio que carrega.

O mercúrio é utilizado pelos garimpeiros para separar o ouro de outros elementos presentes na terra. Uma vez jogado à água, o mercúrio inicia um lento processo de oxidação e entra na cadeia alimentar dos peixes, passando depois ao homem. O mercúrio se dissolve e permanece como um corpo estranho, tóxico, dentro do organismo humano.

O que agrava a situação de Poconé é que não se trata de um garimpo isolado, como é o de Apiaçás, no norte no Estado. Poconé está a 100 km da capital Cuiabá. Esse argumento, porém, parece não surtir efeito no Mato Grosso, uma vez que até hoje existe garimpo dentro de Cuiabá.



Foto aérea do garimpo na região de Poconé, no Estado de Mato Grosso, uma das regiões onde os garimpeiros são expostos à ação do mercúrio diariamente

Delegado diz que situação na polícia é vexatória

Do enviado especial à Amazônia

As linhas telefônicas da superintendência da Polícia Federal (PF) no Mato Grosso somente não foram cortadas porque a conta vence no próximo dia 30, afirmou o delegado Antônio Martines Perez, 42, superintendente da PF. "É uma situação

vexatória", diz ele. A falta de recursos é tão grande que a Polícia Federal matogrossense não tem dinheiro para colocar combustível em seus carros de patrulha. Segundo Perez, as linhas telefônicas da PF em Rondônia já foram cortadas, restando apenas uma delas "por segurança", e mesmo em Brasília

já ocorreram cortes.

"Nessa situação não dá para tocar os inquéritos e fiscalizar o 'nortão' do Estado", afirma o superintendente da PF. Na verdade, a fiscalização federal é precária em todo o Mato Grosso. O superintendente calcula que, em alguns casos, o efetivo da Polícia Federal matogrossense

não consegue sequer dar conta das atividades burocráticas de plantão em suas delegacias. O problema, diz Perez, atinge toda a instituição: "A Polícia Federal no Brasil deveria ter hoje 18 mil funcionários. Tem apenas 6,5 mil, dos quais 3 mil estão empenhados em atividades burocráticas", afirma.

Um milhão de pessoas se expõem todos os dias à ação do mercúrio

Da Sucursal de Brasília

Mais de um milhão de pessoas estão expostas diariamente no Brasil à contaminação pelo mercúrio. Utilizado em larga escala nos garimpos para separar o ouro recolhido, o produto causa intoxicações que segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) podem atingir o sistema nervoso central, rins, pulmões e em alguns casos levar à morte.

As instituições governamentais que tratam do problema terão que começar quaseada estaca zero para resolvê-lo: não existem dados sobre a concentração de mercúrio que polui rios e cida-

des, nem o número efetivo de pessoas expostas à ação do produto. Mesmo as pesquisas internacionais sobre os efeitos do mercúrio no organismo humano têm poucas referências sobre a situação.

Na semana passada, o consultor do Ministério da Saúde para assuntos de saúde ambiental, o toxicologista Edson Prado Machado, afirmou que o quadro pode se tornar ainda mais grave. "O Brasil tem uma bomba de efeito retardado nas mãos", disse. A "bomba" é o processo biológico que pode transformar o mercúrio, através de bactérias, em metilmercúrio, de consequên-

cias ainda mais desastrosas.

O Japão, na década de 50, e o Iraque, na década de 70, são exemplos citados pela OMS sobre os efeitos do metilmercúrio. Em Minamata e Niigata, a transformação do mercúrio causou a intoxicação em 1.200 pessoas. Os bebês nascidos de mulheres intoxicadas apresentaram transtornos motores e sensitivos, convulsões e cegueira. No Iraque, seis mil pessoas foram intoxicadas depois de comer pão contaminado com metilmercúrio, 500 morreram.

Edson Prado Machado disse que há meios de prevenir e evitar o despejo de mercúrio no meio ambiente em garimpos.

Ministérios vão analisar situação ambiental nos garimpos até 1990

Da Sucursal de Brasília

No final de setembro, uma equipe de técnicos de vários ministérios inicia a análise do meio ambiente nos garimpos. O ensaio se estende até junho de 90. Vai quantificar o nível de mercúrio na água, no solo e nos alimentos destas áreas.

Por enquanto, o cálculo de uso do mercúrio é feito com estimativas de produção de ouro. Em 1987 a produção oficial de ouro no país foi de pouco mais de 21 toneladas. O DNPM acredita que este valor represente 30% da produção real. Os garimpeiros usam, em média, 1,7 partes de

mercúrio para 1 parte de ouro. Neste caso, em 87, foram utilizadas mais de cem toneladas de mercúrio despejadas no meio ambiente, juntaram-se ao produto acumulado nos últimos anos nestas regiões.

As principais formas de contaminação por mercúrio, em garimpo, são a instalação do produto durante a queima para separar o amálgama que ele forma com o ouro e a ingestão de água e peixes contaminados dos rios.

O mercúrio metálico evapora à temperatura ambiente. A queima acelera a separação do amálgama e coloca grande quantidade do

produto na atmosfera. Por ser um metal pesado, ele volta à forma natural e cai nas áreas próximas, realimentando um círculo vicioso.

A contaminação por infestação também é grave e pode se propagar além dos garimpos. O mercúrio despejado nos rios é ingerido pelos peixes. A exportação de peixes para regiões distantes dos garimpos aumenta o círculo atingido.

O caso crônico de contaminação, conhecido como mercurialismo, causa lesões no sistema nervoso central. "Para estes casos não existe tratamento específico.